

CURRÍCULO EM FORMAÇÃO: O SEM FORMA COMO POSSIBILIDADE PARA GERMINAR SUJEITOS OUTROS

Camila Cilene Zanfelice¹
Laura Noemi Chaluh²

Resumo: A partir de oficinas de movimento do corpo embasadas na Técnica Klauss Vianna oferecidas numa escola estadual da cidade de Campinas/SP, este trabalho procurará pensar as potências de ressonância das forças emanadas dos acoplamentos dos corpos coisa e dos corpos coisas escolares (INGOLD, 2012) durante o processo de experimentação em oficina. Acompanhando o processo de construção coletiva e a implementação da proposta de Currículo Integrado para a Rede Municipal de Ensino de Rio Claro/SP, na gestão 2017-2021, apresentamos possibilidades que o texto inicial elaborado pela Secretaria Municipal da Educação nos inspira a pensar os sujeitos e o próprio currículo.

Que movimentos podem surgir a partir da proposta da Secretaria Municipal da Educação (SME) de construção coletiva de um currículo para uma Rede Municipal de Ensino?

Movimento 1

Um “documento base”, elaborado pelos profissionais do Departamento Pedagógico vinculado à SME, é encaminhado ao Comerc³ (Conselho Municipal de Educação), que se constitui em um órgão normativo, consultivo, deliberativo, proposito e mobilizador em matérias relacionadas à educação no município (RIO CLARO, 2009).

Movimento 2

A diretora pedagógica **solicitou** ao COMERC (**em tom de apelo**) que se debruce sobre o cronograma de ações previstas para a construção do currículo, para que a proposta vá para as escolas. (Notas de diário de campo da professora, 2017, grifos nossos).

Esta solicitação, para que este primeiro coletivo (o Comerc) trabalhasse ou dialogasse com o texto base, imprimia uma relação de dependência entre o Comerc e as ações posteriores da SME: o texto somente seria encaminhado para as escolas após aprovação do Conselho. O que chamamos dependência pode ser entendido como busca por legitimidade, ou seja, a SME, para legitimar aquela proposta, se aliou ao Comerc.

Isto nos faz pensar, seria um primeiro indício de que a palavra deste coletivo – dos sujeitos, aqui Conselheiros – teria um lugar, um valor, para legitimar aquela proposta inicial. O Comerc, funcionando como um outro, que pode ter uma outra compreensão pela posição exotópica que ocupa. Conforme Volóchinov (2017)

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP/Rio Claro. Professora da Rede Municipal de Ensino de Rio Claro. E-mail: ca_zanfelice@yahoo.com.br.

² Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP/Rio Claro. Coordenadora do Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade (GREEFA) vinculado ao GEPLinguagens – Grupo de Estudos e Pesquisas Linguagens Experiência e Formação (CNPq). E-mail: lchaluh@rc.unesp.br.

³ Em agosto de 2017 iniciou-se a etapa prevista de avaliação do texto (do documento base elaborado pelo CAP) pelo Comerc. A primeira autora do trabalho, professora da Rede, é conselheira do Comerc.

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas (...) *Toda compreensão é dialógica*. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma *antipalavra* à palavra do falante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232, grifos do autor).

Ainda que o Comerc esteja composto por membros “de dentro” da SME – com parte de sua composição formada por representantes da SME, com membros indicados pelo Secretário da Educação, enquanto a outra parte é formada pela comunidade (o grupo dos membros eleitos pelos seus pares: professores, pais de alunos, representantes das escolas particulares e das pessoas com deficiência e representante do sindicato) –, pensamos que este órgão pode funcionar enquanto um outro da SME que, segundo Bakhtin, teria um olhar exotópico – podendo olhar para a SME e suas políticas do lado “de fora”; com alguma distância, teria acesso a um “excedente de visão” (BAKHTIN, 2003) que permitiria compor, pela possibilidade de compreensão de um contexto, analisar com outros elementos, outros dados, outras informações, que estariam limitados à própria SME.

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstitutibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2003, p. 21).

Responsável por discutir e avaliar as propostas para a política educacional do município, o Conselho funciona como um outro que com seu olhar pode dizer de uma compreensão em relação às propostas feitas pela SME, porque a heterogeneidade do grupo do Comerc pode deixar em evidência as diferenças de concepções e interesses envolvidos nas decisões.

Movimento 3

Outro indício deste movimento de compreensão e busca por *antipalavras*⁴ que observamos no decorrer do tempo, com a realização das reuniões do Conselho é a percepção da mobilização do Departamento Pedagógico para a realização de uma sugestão que foi feita em uma das discussões do Comerc a respeito da proposta de se levar um texto base para as escolas.

[Nome da conselheira] fez uma **proposta** de formação, sugerindo necessário esclarecimento de propostas e equívocos (...). **Sugeriu** a realização de ciclo de palestras mais frequentes para a Rede, para que a formação não aconteça apenas no Simpósio. **Juntas**, questionamos (...) Ela tem sido **parceira** nestas reuniões do Conselho, porque sempre procura **colocar a sua palavra, seu ponto de vista, suas ideias**, bastante coerentes, na tentativa de **contribuir com as discussões...** (Notas de diário de campo da professora, 2017, grifos nossos).

Para Bakhtin, no diálogo há sempre uma compreensão da palavra do outro, uma produção, construção de uma proposta: “Uma oferta, uma resposta aberta a negações e a novas

⁴ Nas edições anteriores onde aparece *antipalavra* explicitava-se *contrapalavras*.

construções” (GERALDI, 2013, p. 15). Ao dialogar com a proposta da SME, as Conselheiras fizeram uma construção, uma proposta: a de se ampliar os espaços para formação e a participação da Rede nestes espaços.

Algum tempo depois da realização desta reunião que relatamos acima, a SME anunciou a realização do “1º Ciclo de Palestras da Rede Municipal de Ensino de Rio Claro”, em abril de 2018, com o objetivo de “fomentar os debates a serem realizados nas escolas da Rede Municipal, visando oferecer subsídios aos (as) professores (as) para a discussão da proposta pedagógica e do currículo integrado” (RIO CLARO, 2018). Consideramos uma conquista a realização deste Ciclo, já que acreditamos ter acontecido após a sinalização feita pelo Comerc, ainda que o mesmo não tenha tido participação na definição/organização.

Algumas considerações

Ao trazer estes movimentos, estamos procurando compreender a relação entre a SME e o Comerc; quando pensamos que este último, oferecendo sua *antipalavra*, sugeriu que fosse criado um espaço para debates, podemos compreender que a SME levou essa pauta em consideração, criando o “Ciclo de palestras”, propondo para a Rede Municipal de Ensino algo que surgiu a partir da abertura para o diálogo com aquele coletivo. Para Bakhtin, no contexto dialógico “não existe a primeira nem a última palavra” (BAKHTIN, 2003, p. 410). Entendemos que a proposta de construção coletiva passa e passará por estes movimentos de fala, escuta, pela arena de lutas entre sentidos produzidos, compreensões, palavras e *antipalavras*, que vão germinar possibilidades para se pensar e se produzir o Currículo Integrado para a Rede Municipal.

Segundo Geraldi (2013), no processo dialógico, são necessários

[...] deslocamentos de uma posição para compreender a outra posição, e dela retornar para sua posição, enriquecido pelo embate produtivo do encontro de consciências equipolentes, autônomas, mas não independentes das condições sócio-históricas de suas constituições. Sem esses deslocamentos, o diálogo morre no seu nascedouro: são vozes mudas que falam a surdos (GERALDI, 2013, p. 16).

Deslocamentos necessários para produzir a vida na linguagem, germinar sujeitos outros, possibilidades.

Um processo de construção coletiva que traz como possibilidade o diálogo, entre sujeitos (por enquanto, os Conselheiros do Comerc) que assumem a responsabilidade desta construção.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GERALDI, J. W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores odem dizer muito com Bakhtin. In: FREITAS, M. T. (Org.). *Educação, arte e vida em Bakhtin*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LIMA, M. E. C., de C., GERALDI, C. M. G., GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em Educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 31, n. 01, 2015.

RIO CLARO. LEI N° 4006 de 15 de dezembro de 2009. (Reorganiza o CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO CLARO – COMERC, criado pelo artigo 261 da Lei Orgânica do Município e dá outras providências).

RIO CLARO. ABERTURA DO 1º CICLO DE PALESTRAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO, 2018.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.